

## INDEPENDÊNCIA

Coração de Dom Pedro I, que declarou a separação do Brasil de Portugal, em 1822, chega ao país nesta segunda-feira num clima de acirramento político

# Relíquia histórica no 7 de Setembro

» VICENTE NUNES  
CORRESPONDENTE

**Lisboa** — As relações políticas entre Brasil e Portugal estão longe do que prega a boa diplomacia, mas, por conta das comemorações dos 200 anos da independência brasileira, o país europeu fará uma deferência enorme à antiga colônia. Cederá, em forma de empréstimo, uma relíquia que poucas pessoas puderam ver em quase dois séculos: o coração de Dom Pedro I — ou Dom Pedro IV, para os portugueses —, primeiro imperador do Brasil. O órgão, que está guardado na Igreja de Nossa Senhora da Lapa, na cidade do Porto, desembarcará em Brasília nesta segunda-feira numa cerimônia com honras de chefe de Estado.

O empréstimo do coração de Dom Pedro I ao Brasil foi possível depois de uma ampla negociação entre a embaixada brasileira em Lisboa, a Prefeitura do Porto e a Irmandade Nossa Senhora da Lapa, que detém o direito à propriedade da relíquia. Havia muitas dúvidas se o transporte do órgão, realizado pela Força Aérea Brasileira (FAB), poderia acarretar danos, mas o Instituto de Medicina Legal do Porto (IML) avaliou a operação, apesar de todos os alertas. O coração do monarca, que morreu em 1834, aos 35 anos, ficará no Brasil até 8 de setembro. Ao longo de três semanas, será exposto no Palácio do Planalto e no Itamaraty. Neste fim de semana, o coração foi, pela primeira vez exibido ao público em Portugal.

A presença do coração de Dom Pedro I no Brasil deveria ser um acontecimento neste bicentenário da independência. Mas, para a professora de Relações Internacionais Miriam Saraiva, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), o momento é inoportuno, devido ao acirramento das disputas pela Presidência da República e, sobretudo, pelo uso político que o presidente Jair Bolsonaro pretende fazer do 7 de Setembro. “Infelizmente, a festa de independência foi sequestrada por uma ideologia que prega o discurso de que o hino nacional, a bandeira do país e as cores verde e amarela só pertencem aos seus adeptos”, diz. “Trata-se de uma enorme distorção,

Coração de Dom Pedro I/Reprodução



Urna que conserva o órgão do primeiro imperador brasileiro será exposta no Planalto e no Itamaraty

pois esses símbolos são de todos os brasileiros”, ressalta.

Na avaliação da historiadora Ana Carolina Delmas, o maior temor de especialistas é que o coração de Dom Pedro I tenha uso político, quando, na verdade, deveria ser visto como parte de um contexto histórico pouco conhecido da maior parte da população, devido à péssima qualidade da educação no país. Ela lembra que, quando da comemoração dos 150 anos da independência, em 1972, durante a ditadura, mais precisamente na gestão de Emílio Garrastazu Médici, houve o mesmo movimento populista em torno da vinda dos restos mortais (sem o coração) de Dom Pedro I e da mulher dele, a princesa Leopoldina, doados por Portugal e que estão no Museu do Ipiranga, em São Paulo.

Para o pesquisador Leonardo Paz, do Núcleo de Prospecção e Inteligência Internacional da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a apropriação pelo atual governo dos símbolos nacionais é tão clara, que segmentos, ainda que pequenos, como os saudosos da monarquia, endossam esse tipo de postura. “Tanto o presidente Jair Bolsonaro quanto seus seguidores

assumem a posição de que são os verdadeiros patriotas, o que não é verdade”, afirma. Ele destaca que, ao contrário do Brasil, que age por questões ideológicas, Portugal, com seu gesto, ao emprestar o coração de Dom Pedro I, reforça a lógica de Estado, não de governo, que é passageiro.

## Riscos enormes

A sugestão para que o governo Bolsonaro pedisse o coração de Dom Pedro I emprestado a Portugal para a comemoração dos 200 anos da independência foi feita ao presidente pela médica oncologista Nise Yamaguchi, defensora contumaz do uso de cloroquina no tratamento contra a covid-19. O imperador é apontado como grande defensor do liberalismo, bandeira que o Palácio do Planalto encampou, tendo o ministro da Economia, Paulo Guedes, como garoto-propaganda. Os quase quatro anos da atual administração mostraram, porém, que de liberal o governo não tem nada, é intervencionista e populista.

O uso político do coração de Dom Pedro I, contudo, é apenas uma das preocupações da

historiadora Ana Carolina. “Estamos temerosos com o traslado daquele órgão. Qualquer descuido pode provocar um desastre e pôr tudo a perder”, alerta. Há, segundo ela, todo um cuidado na preservação da relíquia e, dependendo da forma como o transporte se dará, o órgão pode se dissolver. Como ela, outros especialistas alertam para a pressurização do avião da FAB que transportará o coração e para a temperatura à qual ele ficará submetido durante o tempo que será exposto no Palácio do Itamaraty.

No entender da professora Miriam Saraiva, o presidente Bolsonaro está pouco se importando com os riscos de se trazer o coração de Dom Pedro I para o Brasil. “O que interessa é o ganho político que ele acredita que terá”, frisa. Presidente da Câmara Municipal do Porto, Rui Moreira, que encabeçou as negociações do empréstimo da relíquia ao Brasil, tem ressaltado que há exageros nas afirmações de que todo o processo está baseado apenas em interesses políticos. Para ele, trata-se de um gesto entre dois países irmãos, que mantêm relações profundas por séculos.

Simplicio Rodrigues de Sá/Reprodução



D. Pedro I, no Brasil, e D. Pedro IV, em Portugal: herói de dois países

trocada a cada 10 anos. A última foi em 2015. Seis pessoas participam do procedimento.

“A torcida é para que tudo transcorra bem no período em que o coração de Dom Pedro I estiver no Brasil”, reforça a historiadora Ana Carolina Delmas. A segurança da relíquia no país será

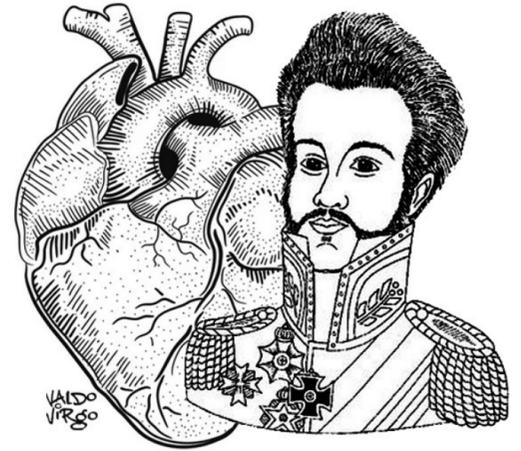
enorme, a ponto de a vigília ser comandada pessoalmente pelo chefe da polícia do Porto, António Leitão da Silva. Houve, inclusive, a preocupação dos portugueses de construir uma caixa de madeira em que o órgão será transportado para o Brasil e a caixa de vidro em que ele será exposto.

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



## O coração de D. Pedro I

Ganha um pastel de Belém quem souber onde fica a Rua D. Pedro I no Rio de Janeiro, a cidade que acolheu o jovem príncipe no exílio, em 1808, e o transformou no primeiro imperador do Brasil, às vésperas de completar 24 anos, em 7 de setembro de 1822. Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon era herdeiro da casa real portuguesa, filho de D. João VI, regente de Portugal, e da princesa espanhola Carlota Joaquina, que viriam a se tornar rei e rainha de Portugal em 1816, com a morte da rainha Maria I.

O seu protagonismo político na formação do Brasil como nação não pode ser ignorado nas comemorações do Bicentenário da Independência. Com esse objetivo, amanhã, chega ao Brasil o coração de D. Pedro I, que será exposto no Palácio do Itamaraty, em Brasília, como ponto alto das comemorações oficiais do Bicentenário da Independência. A data magna também servirá para a realização de grandes manifestações de apoio ao presidente Jair Bolsonaro e seu projeto de reeleição; a unidade nacional e a coesão social de nosso país estão fora de questão. Essa forma de comemoração merece uma reflexão crítica, porque simboliza o sequestro da identidade nacional e do nosso futuro pelo presidente Jair Bolsonaro com propósitos eleitorais e regressistas.

Quase como uma piada pronta, a morbidez da programação reforça a ideia de que vivemos tempos de “necropolítica”. As negociações para o empréstimo do coração levaram cerca de quatro meses e envolveram o governo português, a Câmara do Porto e representantes da Irmandade da Lapa, entidade religiosa que guarda a relíquia. Mantido em um pote de vidro, imerso numa substância dourada, o coração de D. Pedro será recebido no Palácio do Planalto com honras de chefe de Estado, com salvas de canhão e escoltado pelos Dragões da Independência; depois, ficará em exposição pública no Palácio do Itamaraty.

Até o começo de 1821, D. João VI manteve D. Pedro afastado da política. Com a Revolução Liberal do Porto, foi obrigado a voltar a Lisboa e deixou-o como príncipe regente do Brasil. Essa ação fez com que assumisse protagonismo político, convertendo-se em líder da Independência, em contraposição às Cortes portuguesas, que exigiam sua volta ao país. Em 9 de janeiro de 1822, D. Pedro anunciou sua permanência no Brasil, evento que ficou conhecido como Dia do Fico. Daí em diante, o processo de ruptura se acelerou, e a hostilidade nas relações entre Brasil e Portugal aumentou. Em 7 de setembro de 1822, Dom Pedro estava em viagem a São Paulo e, no trajeto Santos-São Paulo, próximo ao riacho do Ipiranga, recebeu uma carta assinada por sua esposa e por José Bonifácio, seu conselheiro pessoal, com as novas ordens enviadas por Portugal. D. Pedro aproveitou a situação para declarar a independência. Em 1º de dezembro de 1822, D. Pedro foi coroado imperador.

## Escravidão

Ao contrário de todos os demais países das Américas, que se tornaram republicanos a partir da independência — com exceção do México, que teve três impérios brevíssimos —, o Brasil optou por uma monarquia, que nos legou um Estado historicamente constituído e nossa integridade territorial, embora a nação fosse ainda um projeto em construção. A razão de ser da nossa monarquia estava mais associada à manutenção da escravidão e ao projeto de reunificação do Império colonial português, cuja personificação seria o próprio D. Pedro I. Seu autoritarismo e intransigência resultaram na sucessão de crises que marcaram o Primeiro Reinado. D. Pedro fechou a Constituinte de 1823, rasgou a chamada Constituição da Mandioca e nos outorgou a Constituição liberal de 1824, na qual o direito à propriedade privada foi introduzido com o claro objetivo de blindar a escravidão.

A insatisfação foi enorme. No Nordeste, deu origem a uma revolta de caráter separatista, a Confederação do Equador. D. Pedro I decidiu declarar guerra contra as Províncias Unidas em virtude de uma revolta em curso na Cisplatina. A guerra afetou a economia brasileira e resultou na independência do Uruguai. A derrota moeu a popularidade de D. Pedro, que perdeu apoio dos militares e da população pobre. O assassinato do jornalista italiano Líbero Badaró, que lhe fazia dura oposição, em novembro de 1830, em São Paulo, tornou a situação insustentável. D. Pedro I foi acusado de proteger os assassinos do jornalista, e o confronto entre seus defensores e críticos nas ruas do Rio de Janeiro explodiu em março de 1831. A Noite das Garrafadas fez com que renunciasse ao trono, em 7 de abril de 1831, para que seu filho, Pedro de Alcântara, pudesse assumir quando completasse 18 anos.

Em 1831, D. Pedro I mudou-se para Portugal com o objetivo de participar da Guerra Civil Portuguesa e defender o direito de sua filha, D. Maria II, de assumir o trono do país. Lutou contra o seu irmão D. Miguel pelo trono e venceu esse conflito. Maria foi restaurada no trono de Portugal em 1834, e D. Miguel fugiu em exílio. Durante a guerra, D. Pedro I contraiu tuberculose, doença que se agravou e o levou à morte em 24 de setembro de 1834.

No Brasil, o conturbado Período Regencial que se seguiu à abdicação de D. Pedro I, até o Golpe da Maioridade de D. Pedro II, em 1840, foi fundamental, porém, para consolidar a União e plantar, no parlamento brasileiro, as sementes do nosso federalismo e, nele, em contrapartida, a cultura de conciliação de nossas elites. D. Pedro jamais recuperou sua popularidade.

## Distanciamento diplomático

No governo português, o tratamento do coração de D. Pedro I ao Brasil é tratado com reservas e muita apreensão. O presidente de Portugal, Marcelo Rebelo Soares, estará presente nas celebrações do 7 de Setembro no Brasil. Isso, apesar de ele ter sido destruído pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), que recentemente cancelou um almoço com o líder português porque ele teve um encontro com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, líder nas pesquisas de intenção de votos para a Presidência da República.

Para o pesquisador Leonardo Paz, as relações políticas entre Portugal e Brasil só tendem a melhorar caso Bolsonaro não seja reeleito. “O atual presidente brasileiro se afastou de vários países europeus, incluindo Portugal, por questões ideológicas”, detalha.

## Devoção ao Porto

A doação do coração de Dom Pedro I à Irmandade Nossa Senhora da Lapa foi prevista em testamento pelo imperador pouco antes de morrer. Era desejo dele que o órgão ficasse na cidade que o recebeu quando retornou a Portugal, em 1831, para recuperar o trono de sua filha, Dona Maria

II, que havia sido roubado pelo tio dela, Dom Miguel. Em 1832, Dom Pedro I, que havia abdicado do reinado no Brasil, adentrou o Porto liderando um grupo de liberais que lutavam contra o então imperador absolutista.

Sem um exército suficiente, pois não teve o apoio esperado de França e Inglaterra, Dom Pedro I assinou uma aliança com os espanhóis para combater o irmão. Foram dois anos de guerra. Em 1934, ele conseguiu derrubar Dom Miguel e devolver o trono à filha, Dona Maria II. Portugal deixou de ser um reino absolutista para ser um reino liberal. O monarca, entretanto, já estava bastante fragilizado, havia contraído tuberculose. Morreu em setembro daquele ano.

Desde 1835, o coração do monarca está guardado a cinco chaves na Igreja de Nossa Senhora da Lapa, num monumento localizado na capela-mor, ao lado do Evangelho. A primeira chave abre uma placa de metal. A segunda e a terceira movimentam uma rede de ferro. A quarta destranca uma urna e a quinta, uma caixa de madeira onde está depositada um porta-joias de prata que abriga o vidro que contém o órgão. O coração está conservado em uma substância de formol, que é